

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO

HADDA BIAGGIONE

**DIÁRIO E FOTOGRAFIA:
REGISTROS [DA INTIMIDADE] NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO**

CRICIÚMA-SC

2014

HADDA BIAGGIONE

**DIÁRIO E FOTOGRAFIA:
REGISTROS [DA INTIMIDADE] NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais - Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a. Ma. Odete Angelina Calderan

CRICIÚMA-SC

2014

HADDA BIAGGIONE

**DIÁRIO E FOTOGRAFIA:
REGISTROS [DA INTIMIDADE] NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais - Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processo e Poéticas.

Criciúma, 24 de junho de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Odete Angelina Calderan - Mestre em Artes Visuais - (UFSM)
Orientadora

Prof^a. Izabel Cristina Marcílio Duarte – Especialista (UNESC)

Prof^a. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestre em Educação (UNESC)

Dedico esse trabalho aos amigos que compartilham o interesse e apreciação pela arte, a minha orientadora e em especial aos meus pais, que sempre incentivaram e motivaram minhas escolhas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, em especial à minha mãe, pela amizade, apoio, segurança, educação e por todo amor presente em nossa trajetória.

Ao meu irmão pela companhia e as várias madrugadas passadas conversando e brigando na sala de casa.

Aos meus gatos gordos e ronronantes pela companhia e carinho.

Ao Bruno, pela companhia, iluminação e força incomparável.

A minha querida professora, artista e orientadora, Odete, pelos diálogos, trocas de experiências e a qual incentivou o meu lado pesquisador durante todo o semestre, assim como foi de extrema importância para minha liberdade criativa.

As professoras Silemar e Bel, pelos ensinamentos ao longo do curso e por aceitarem participar como avaliadoras do meu trabalho, onde eu acredito que só tenham o melhor a contribuir.

Aos amigos que fizeram parte direta ou indiretamente da pesquisa.

E a vida, por ser minha eterna fonte de inspiração.

.

.

**“Prefiro mil vezes a impureza que me
põe convivendo com o diferente à
pureza que o exclui.”**

Fernando Cocchiarale

RESUMO

A presente pesquisa intitulada *Diário e Fotografia: Registros [da Intimidade] no Contexto Contemporâneo*, inserida na linha de Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais – Bacharelado, da Unesc. Foi motivada primeiramente por questões ligadas ao uso do diário e da fotografia enquanto registros da intimidade. Trago como problema de pesquisa: Como materializar o diário pessoal como proposta artística buscando estabelecer a relação registro-intimidade estando inserida no contexto da arte contemporânea? Criando conexões busco estudar arte contemporânea, bem como o uso do diário pessoal e o visual como forma de registro do artista, apresento também minha trajetória com a escrita do diário e ao ato de fotografar; Igualmente oportunizo trazer para os diálogos o diário pessoal de Andy Warhol; e as fotografias íntimas de Nan Goldin e Larry Clark. Para dar conta das questões me apoio em referências de alguns autores importantes como Minayo (2002), Zamboni (2001), Salles (2009), Canton (2009) e Cotton (2010) entre outros. O percurso da pesquisa culminou com o desenvolvimento da Instalação *Canto Particular*, apresentada na exposição coletiva dos acadêmicos da 8ª Fase do Curso de Artes Visuais Bacharelado.

Palavras-chave: Diário. Intimidade. Fotografia. Instalação. Arte Contemporânea.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Primeira Semana em Criciúma (Filme 35 mm), 2010.....	17
Figura 2 – Diário novo, 2014.....	18
Figura 3 – Um dos raríssimos autos retratos (foto/divulgação da festa RIDE ³) - Fotografia Digital, 2013.....	19
Figura 4 – Entre câmeras e gatos, 2014.....	21
Figura 5 – Karina discutindo ao telefone – Fotografia 35mm, 2008	22
Figura 6 – Porto Alegre (RS) - Fotografia Digital, 2013.....	23
Figura 7 – Imagem encontrada no disquete – Andy Warhol, Vênus 1985.....	27
Figura 8 – Polaroides de Andy Warhol, 1971-1983	28
Figura 9 – Teenage Lust, 1983.....	30
Figura 10 – Tulsa, 1971 (a).....	32
Figura 11 – Tulsa, 1971 (b).....	33
Figura 12 – Kiki e Maggie no 180, 1985.....	35
Figura 13 – Nan e Brian na cama, 1983.....	36
Figura 14 – The Ballad of Sexual Dependency, 1983.....	37
Figura 15 – Retorno às origens, 2014.....	39
Figura 16 - Filmes Revelados, 2014.....	41
Figura 17 - Diários, 2014.....	42
Figura 18 – Detalhe: Canto do meu quarto com as almofadas, tapete e o Diário atual, 2014.	43
Figura 19 – Croqui, 2014.....	44
Figura 20 – Noites de Sexta, 2014.....	45
Figura 21 – Canto Particular (Detalhe), 2014.....	46
Figura 22 – Canto Particular no espaço expositivo, 2014.....	46
Figura 23 - Convite da Exposição SOMOS (frente e verso), 2014.....	54
Figura 24 – Venus in Furs (Fotografia apresentada na exposição SOMOS), 2014...55	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
EUA	Estados Unidos da América
GO	Goiás
SP	São Paulo
SC	Santa Catarina
E.E	Escola Estadual

SUMÁRIO

1 A MOTIVAÇÃO: O ENCONTRO COM ANNE FRANK.....	11
1.1 Metodologia.....	12
1.2 Arte Contemporânea.....	14
2 MINHA TRAJETÓRIA.....	16
2.1 Entre perdas e percepções.....	16
2.2 Minha paixão pela fotografia: entre imagens analógicas e digitais.....	20
3 DIÁRIOS: CRIANDO APROXIMAÇÕES.....	25
3.1 As memórias de Andy Warhol.....	25
3.2 A Juventude Marginal Retratada por Larry Clark.....	29
3.3 A Intimidade Eternizada por Nan Goldin.....	34
4 PROCESSO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA: REVELANDO PÁGINAS E NEGATIVOS....	38
4.1 Retorno às Origens na Construção do Diário de Artista.....	38
4.2 Revelando Páginas.....	42
4.3 Sobre Canto Particular.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50
ANEXOS.....	53

1 A MOTIVAÇÃO: O ENCONTRO COM ANNE FRANK

“Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda”¹
Anne Frank

Lembro de caminhar por entre os armários de uma pequena sala onde funcionava a biblioteca da escola onde cursei o Ensino Fundamental (E.E.Prof. Benedito Pereira Cardoso - Barretos/SP). Deveria ter por volta de onze anos. Nesta ocasião, estavam organizando a sala porque logo chegariam livros doados pelo governo, então precisavam remover os antigos por questão de espaço. Aquela tarde eu não sabia o que procurava, mas um livro em especial chamou minha atenção, intitulado de *O Diário de Anne Frank*, revelava o diário de uma jovem garota judia. Escrito no período entre junho de 1942 a agosto de 1944 durante a Segunda Guerra Mundial, quando ela, junto a sua família e outros conhecidos se abrigaram em um esconderijo na cidade de Amsterdã (Holanda).

Até então, pelo que recordo, nunca tinha lido algo em formato de diário, e acabei por me identificar em determinados aspectos com Anne Frank, não apenas pela idade próxima (ela iniciou os registros aos treze anos, quando ganhou o diário de presente de aniversário), mas porque compreendi a liberdade que teria ao compartilhar meus pensamentos com a escrita.

Segundo o dicionário Aurélio (2001, p. 398) compreende-se como intimidade a “Vida íntima, particular, privacidade” assim como íntimo é o “que está muito dentro, que atua no interior, muito cordial ou afetuoso, estreitamente ligado”. Escrever em um diário é uma forma de compartilhar a intimidade, pois traz algo inteiramente particular, e ao transcrever em palavras, registra o que antes estava apenas no pensamento de quem escreveu.

Quando passei a questionar sobre a proposta para o TCC do Curso de Artes Visuais, após muitas ideias, me ocorreu pesquisar sobre o diário, por além de manter a escrita de um, ele ser um objeto de natureza íntima e pessoal. Conforme Salles (2009, p. 36), “a construção da obra acontece, portanto, na continuidade em um ambiente de total envolvimento”, e ao compreender a intimidade e estar

¹ FRANK, Otto H.; PRESSLER, Mirjam. O diário de Anne Frank. 36ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

estimulada pela curiosidade sobre obras autobiográficas, oportuneizei trazer para a pesquisa o diário pessoal² de Andy Warhol³, que escolhi não só por ser um dos artistas que mais exerceram influência na história da arte mas por ter uma vida particular que acredito ser interessante de se conhecer. Mas por também ter uma grande ligação com a fotografia, trago os fotógrafos Larry Clark⁴ e Nan Goldin⁵, que através de registros fotográficos, mostraram publicamente a vida íntima de si próprios e a das pessoas de seu convívio, principalmente os amigos mais próximos, compondo assim uma espécie de diário visual⁶.

1.1 Metodologia

Sendo assim, ao propor como tema o diário enquanto registro da intimidade do artista, portanto conforme meu entendimento de natureza íntima e pessoal, e ainda, capaz de fornecer indícios da identidade, trago como problema de pesquisa: Como materializar o diário pessoal como proposta artística buscando estabelecer a relação registro-intimidade estando inserida no contexto da arte contemporânea?

Com o objetivo geral de trazer o uso do diário pessoal e o visual como forma de registro do artista, e nos objetivos específicos: apresentar minha trajetória referente ao ato de fotografar e a escrita do diário; oportunizar trazer para os diálogos o diário pessoal de Andy Warhol, e os diários visuais de Larry Clark e Nan Goldin.

A partir dessa motivação para a pesquisa, se faz necessário que a mesma

² Na presente pesquisa o termo Diário Pessoal é empregado referente ao diário escrito, ou seja, sua forma de registro é através da escrita.

³ Diários de Andy Warhol foi lançado em 1989 pela Warner Books, é um diário póstumo onde a editora e amiga de Andy Warhol, Pat Hackett organizou mais de 11 anos de registros de telefonemas que Andy a fazia todas as manhãs entre os anos 1976 a 1987 para relatar os eventos cotidianos por qual ele passava.

⁴ Larry Clark é um fotógrafo e diretor de cinema norte-americano. Nascido em 1943, causou polêmica já desde o lançamento de seu primeiro livro de fotografias *Tulsa*, em 1971. Sua característica mais marcante é a abordagem sobre a juventude marginalizada da contracultura estadunidense, tanto nos filmes quanto nas fotografias. Disponível em: <<http://bit.ly/1oL1SqK>> Acesso em 09. JUL. 2014

⁵ Nan Goldin é uma fotógrafa norte-americana. Nascida no ano de 1953. Ficou mundialmente reconhecida após o lançamento do seu livro de fotografias *The Ballad of Sexual Depedency*. Através de seus registros, Goldin revela a sua vida íntima assim como também de seus amigos, que estavam frequentemente presentes em suas fotografias. Disponível em: <<http://bit.ly/1re8Alh>> Acesso em 09. JUL. 2014

⁶ Fica definido o termo Diário Visual aos registros feitos através da fotografia, nessa pesquisa emprego o termo especialmente aos trabalhos fotográficos de Nan Goldin e Larry Clark.

dialogue com a cientificidade, já que “o método científico permite que a realidade social seja reconstruída enquanto um objeto do conhecimento, através de um processo de categorização (possuir características específicas) que une dialeticamente o teórico e o empírico” (MINAYO, 2002, p. 35). Entretanto, pesquisa em arte abrange muito mais, busca esclarecer e o ampliar termos como: poética, subjetividade, criatividade, motivação entre outros. Segundo Zamboni (2001, p. 30), “a criatividade está intimamente ligada à sensação de descoberta. É algo novo”.

Sendo uma pesquisa com abordagem em arte, a pesquisa se inscreve na Linha de Pesquisa de Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais – Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), de natureza básica. A abordagem é qualitativa, pois o interesse central da pesquisa não é a quantificação de dados, conforme Minayo (2002, p. 22) a pesquisa qualitativa é aquela que:

[...] trabalha com o universo de significações, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que responde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa qualitativa visa trabalhar com o subjetivo, descrevendo e levando a compreensão para interpretações e reflexões. Ainda é possível levantar dados e buscar maior familiaridade com objeto a ser investigado, nesse caso, especificamente uma produção artística que envolva diferentes linguagens como a fotografia, a escrita e gravação de áudio, assim, buscando levantar discussões e estabelecer diálogos a partir do processo criativo pessoal.

Por ser uma pesquisa em arte busco desenvolver uma produção artística que contemple meu objeto de estudo. A importância da teoria e criatividade são fatores essenciais para consistência e elaboração da produção final. Para ampliar este entendimento trago a autora Rey (2002, p. 127-128) no livro “O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas” que diz:

[...] toda obra contém em si mesma a sua dimensão teórica. A teoria, subterrâneo da obra, é como os alicerces da casa: o que lhe dá sustentação, embora não seja, necessariamente, aparente. Imaginemos que a obra de arte se constitui numa espécie de iceberg, isto é, um todo composto por uma parte visível na superfície (a obra em sua configuração formal e material) e por uma grande parte que fica submersa, invisível (o pensamento, ideias e conceitos veiculados na obra).

A vida acadêmica no curso de Artes Visuais me oportunizou novos conhecimentos quanto às linguagens, as técnicas, indo além da tradicional prática de desenho e pintura. Por estar familiarizada com a fotografia, grandes dúvidas surgiram em qual linguagem seria a melhor para a produção final da pesquisa para o TCC. Após muitas reflexões optei pelas áreas de maior interesse como a fotografia, juntamente com a escrita e áudio em uma proposta de instalação⁷

1.2 Arte Contemporânea

Definir arte em um conceito único é uma tarefa difícil, visto que a arte em si “instala-se em nosso mundo por meio do aparato cultural que envolve os objetos: o discurso, o local, as atitudes de admiração e etc.” (COLI, 1995, p.13). Assim, a arte se torna dependente do meio para se instaurar como a mesma, mas Coli ainda traz que “se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepçamos-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única” (1995, p. 7).

Fazendo um recorte dentro da História da Arte, até o modernismo, os *ismos* definiam o estilo e o movimento artístico qual artista/obra pertencia dentro de determinados padrões, seja estético ou de mercado. Com o surgimento da arte contemporânea (aproximadamente na metade do séc. XX) novas linguagens são atribuídas, como por exemplo, a Instalação, *Land Art*, *Body Art*, *Performance*, Intervenção, Videoarte e entre outros, assim como também a incorporação de novos materiais - entra em ação os recursos digitais e da mídia de massa, que agregam e potencializam a circulação da arte, tornando-a mais popular e acessível. O que antes, como na arte moderna, estava restrito ao poder de galerias e museus, na arte contemporânea ultrapassou os limites institucionais e passou a estar presente também nas ruas, nos meios de comunicação como o rádio, revistas e TV.

Mas não somente sua linguagem e materiais usados passaram por mudanças. A arte contemporânea passou a estar extremamente ligada a vida: “Ela se materializa a partir de uma negociação constante entre arte e vida, vida e arte [...]

⁷ Melhor detalhada no capítulo 4, p. 38 (Processo de Produção Artística: Revelando Páginas e Negativos).

mas o que finca seus valores e potencializa a arte contemporânea são as inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento humano” (CANTON, 2009, p. 49). O artista passa a se impor no contexto da obra, corpos passam a ser presentes, as tradicionais pinturas e esculturas são repensadas, reconstruídas, ampliando assim seu diálogo com o público. Que agora passa a ser necessariamente presente.

Desse modo, no contexto contemporâneo se passa a apreensão da obra para fruí-la conceitualmente, ultrapassando os limites estéticos, entrando em um campo onde o conceito, a ideia que é passada se torna um conhecimento importante. Porém Cauquelin nos propõe que ainda são necessárias determinadas posições em relação a arte contemporânea:

Para aprender a arte como contemporânea, precisamos, então, estabelecer certos critérios, distinções que isolarão o conjunto dito “contemporâneo” da totalidade das produções artísticas. Contudo, esses critérios não podem ser buscados apenas nos conteúdos das obras, em suas formas, suas composições, no emprego deste ou daquele material, também não no fato de pertencerem a este ou aquele movimento dito ou não de vanguarda. Com efeito, a esse respeito, teríamos ainda que nos defrontar com a dispersão, com a pluralidade de “agoras”. (2005, p.12)

Para a possível compreensão do conceito de uma obra, os conhecimentos políticos, estéticos, filosóficos e psicológicos passam a ser áreas importantes ao abordar a contemporaneidade de uma obra e sua relação com o tempo presente.

2 MINHA TRAJETÓRIA

A escrita do diário e o ato de fotografar são atividades que exerço a um tempo considerável, e cada um à sua maneira me estão intimamente ligados. No período qual estive refletindo sobre as propostas para o TCC, muitas ideias surgiram. Conforme Salles (2009, p. 36), “a construção da obra acontece, portanto, na continuidade em um ambiente de total envolvimento”, sendo assim, reforço firmemente o pensamento de que o artista deve ser fiel a ele mesmo e levar em consideração a sua própria história - trajetória, não apenas como inspiração ou motivação, mas como parte fundamental de seu trabalho.

Reconheço que sou uma artista em formação, e ao escolher como tema “o registro da intimidade do artista na arte contemporânea”, seria infiel ao meu ideal deixar meu trajeto de lado. Assim, como objetivo específico, apresento minha trajetória referente ao ato de fotografar e a escrita do diário.

Desde o hábito de alimentar com a escrita o diário, e de quando ainda criança comecei a fotografar, recorro a memórias de momentos significativos e que exerceram grande influência sobre futuras escolhas. Traçando uma linha não necessariamente cronológica, mas a ordem em que achei interessante comentar.

2.1 Entre perdas e percepções

Ainda na adolescência, no período em que estava da 8ª série do Ensino Fundamental, frequentei um curso de desenho que a professora de Artes da escola que estudava (E.E. Prof. Benedito Pereira Cardoso – Barretos/SP) lecionava em seu próprio ateliê. Acredito que foi nesse período que passei a ter um olhar mais interessado para o campo das Artes. Lembro das longas conversas com a professora durante as aulas e o quanto apreciava esses momentos. Até que um dia ela me convidou para visitar seu ateliê.

Ele ficava em um casarão antigo, segundo ela mesma, pertenceu ao seu avô, que passou para seu pai até finalmente chegar a ela. O espaço era dividido com uma massoterapeuta que ocupava um dos quartos, e o restante era repleto de quadros, livros, esboços, jornais e revistas. Passei a frequentar suas aulas de desenho, e a cada tarde que passava lá, voltava pra casa com um sentimento no peito que até

hoje ainda não conseguiria descrever. Foi uma espécie de mágica, uma paixão que foi surgindo e passei a cativá-la.

Posso dizer que após passar para o primeiro ano do Ensino Médio e mudar de instituição de ensino, deixei de frequentar o ateliê e os desenhos ficaram de lado, mas o sentimento crescia cada vez mais e acabei o aliando ao hábito de fotografar.

Os planos futuros então eram de ingressar em um curso de Artes Visuais. Como já tinha também um grande interesse em conhecer Santa Catarina, foi em fevereiro de 2010 que coloquei em prática o tão almejado sonho e desde então resido na cidade de Criciúma. Na (Figura 1), uma fotografia minha com um grande sorriso, registrada por uma das colegas da casa em que passei a morar.



Figura 1 – Primeira Semana em Criciúma (Filme 35 mm), 2010
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Em dezembro de 2013 fiz uma viagem a Barretos (SP), cidade onde cresci e vivi antes de vir para Criciúma (SC). Nesse retorno, minhas intenções não foram apenas de visitar a família e amigos que algum tempo não a via, mas fui em busca dos diários que escrevi no período em que morei lá e que, na mudança pra Criciúma acabei os deixando guardados (escondidos) em uma das gavetas da cômoda que ficava no meu quarto.

Foi com grande tristeza que descobri que minha mãe os achou e por não estarem bem conservados, julgou serem apenas velhos cadernos da escola e em consequência disso, os descartou. Posso afirmar que apesar do esquecimento, eles foram de grande valor, por serem meus registros, pensamentos e anseios, uma transição passada por toda minha pré até a adolescência.



Figura 2 – Diário novo, 2014

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Com a mudança para a Criciúma dei continuidade á escrita e de certa forma me ajudou porque a cidade era estranha e praticamente não conhecia ninguém, só me restava passar horas e horas divagando e escrevendo. Cheguei a interrompê-la por dois anos por motivos particulares e admito que nesse período, mesmo já familiarizada com a cidade e com novas amizades, foi bastante solitário, e o rompimento com essa rotina acabou por me distanciar do meu próprio eu.



Figura 3 – Um dos raríssimos autos retratos (foto/divulgação da festa RIDE³) - Fotografia Digital, 2013
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Entretanto, refletindo sobre esta perda, percebi o quanto registrar meus pensamentos e devaneios foi importante, pois muitas vezes através da releitura de certos momentos registrados no diário, conseguia ter uma visão mais ampla sobre determinada situação oU período que passei, proporcionando também uma espécie de diálogo com um “eu” do passado, decidi então voltar a escrever. Assim, como mostrado na (Figura 2), customizei a capa de uma antiga agenda, removi algumas páginas que estavam usadas e dei início ao diário novo.

Durante alguns anos, quando passei a fotografar profissionalmente, acabei deixando minha imagem de lado, onde raramente me autorretratava. Dei preferência por fotografar outras pessoas. Nesse processo de pesquisa e reconhecimento, me remeto a Salles ao afirmar que:

[...] o percurso criador, ao gerar uma compreensão maior do projeto, leva o artista a um conhecimento de si mesmo. Desse modo, o percurso criador é para ele, também, um processo de autoconhecimento. O artista se conhece diante de um espelho construído por ele mesmo. (2009, p. 135).

A partir dessa retomada da escrita, busquei também reaproximar da minha própria imagem, por vezes voltei a fotografar meu cotidiano também, com esses novos registros, passei a compor um diário visual.

2.2 Minha paixão pela fotografia: entre imagens analógicas e digitais

A fotografia durante muitos anos foi rejeitada como linguagem artística. Vista antes apenas como uma mera forma de registro, ou valorizada apenas quando feita por fotógrafos famosos, só foi realmente aceita na arte conceitual onde muitos artistas, principalmente os *performers*, passaram a utilizá-la como documentação para trabalhos efêmeros, mas por sua rápida disseminação, também como veículo central da comunicação e exposição do trabalho.

Em vez de exaltar a atividade fotográfica virtuosística ou de distinguir alguns profissionais relevantes com o rótulo de “mestres” da fotografia, a arte conceitual minimizou a importância da autoria e da competência prática, aproveitando a capacidade inabalável e cotidiana da fotografia de retratar as coisas: adotou um visual peculiarmente “não artístico”, “inexperiente” e “anônimo” para enfatizar que a importância artística residia no ato retratado pela fotografia (COTTON, 2010, p. 21).

Atualmente a fotografia é uma das linguagens mais usadas na arte contemporânea, valendo além como uma mera forma de registro, mas também conquistando seu estatuto como arte.

Ainda na infância, com meus sete ou oito anos de idade, ganhei uma câmera Kodak PRO-STAR 100⁸ usada de minha mãe. Após receber as instruções básicas de uso: de como encaixar o rolo de negativos, colocar as pilhas, preparar o flash e o segredo essencial de “*não pode abrir a tampa para não queimar o filme*”⁹.

³ Festa temática, com edições lançadas trimestralmente, popular entre o público LGBT na cidade de Criciúma-SC.

⁴ Câmera fotográfica analógica compacta, para filmes em 35 mm. Lançada pela marca Kodak aproximadamente no ano de 1990.

⁹ A película, por sua sensibilidade a luz, quando exposta diretamente a alguma fonte de luminosidade, acaba “queimando” impossibilitando assim, sua revelação. No início, muitas vezes pela pressa e curiosidade, abria a tampa sem antes rebobinar o filme, então minha mãe sempre falava “não pode abrir a tampa pra não queimar o filme!” Essa frase acabou marcando e até hoje quando estou usando alguma das câmeras analógicas me lembro disso.



Figura 4 – Entre câmeras e gatos, 2014
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Aquele ato de capturar e materializar a cena presente e que atraía meu olhar era cativante e fascinava de tal maneira que proporcionavam sensações indescritíveis. Foi onde minha paixão pela fotografia começou. Barthes em seu livro *A Câmara Clara* diz que: “O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.” (1980, p. 13) Essa imortalização de momentos-cenários fortaleceu a vontade de fotografar cada vez mais.

Passei então a economizar sempre que possível para comprar filmes e pilhas e saía registrando meu mundo pessoal. Por ter tido uma infância bastante caseira, as fotografias iniciais se resumiam em tudo o que era interessante no quintal da minha casa, meus gatos e cachorros, a fiação elétrica dos postes na rua, as rachaduras do muro. Por vezes se estendia também aos passeios que costumávamos dar nos sítios e fazendas de parentes próximos. Ainda fotografava minha família, plantas, galhos de árvores, nuvens de diferentes formatos, e assim ia compondo diversos registros com o meu olhar admirado e infantil.



Figura 5 – Karina discutindo ao telefone – Fotografia 35mm, 2008
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Essa apreciação pela fotografia, particularmente pela analógica, amadureceu com o tempo. Com a crescente popularidade das câmeras digitais compactas e sua praticidade e rapidez, acabei por me render e no ano de 2007, por seu tamanho e valor acessível adquiri uma Samsung Digimax s600¹⁰ mas acabei perdendo em questões de qualidade de imagem e pouco tempo depois ela entrou em desuso. Um ano após, ganhei de presente do meu pai uma Canon Rebel X¹¹, juntamente a alguns rolos de filme preto e branco da marca Kodak. Foi uma nova experiência, porque até então estava acostumada a manusear câmeras práticas e que necessitavam de poucas configurações para o uso, foi a primeira câmera semiprofissional que tive contato. Lembrando também que foi a primeira vez que utilizei filme preto e branco, e também encontrei certa dificuldade para revelá-los, sendo que, alguns dos resultados foram desastrosos.

¹⁰ Câmera digital compacta, de 6mp. Lançada pela marca Samsung no ano de 2007.

¹¹ Câmera analógica semiprofissional para filmes em 35 mm. Lançada pela marca Canon aproximadamente no ano de 1991.



Figura 6– Porto Alegre (RS) - Fotografia Digital, 2013
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Durante todas essas idas e vindas, do analógico ao digital, experimentando sempre um pouco de cada, demorei um pouco a aceitar a fotografia digital. Afirmino minha preferência pelo uso da câmera analógica e filmes. Não só pela “magia” da revelação, mas também os desfoques ao acaso, os resultados muitas vezes espontâneos e imprevisíveis, e principalmente a granulação, detalhe em especial que me chama muita a atenção, principalmente nas fotos em preto e branco.

Atualmente pela praticidade e rapidez das câmeras digitais, além da economia e resultados imediatos, acabei deixando a fotografia analógica um pouco de lado. Outro fato também é por não ser muito familiarizada a programas de edição, como por exemplo, *Adobe Photoshop* e *Adobe Lightroom*, tento usar o máximo de recursos da própria câmera digital, como fotografias tiradas direto em preto e branco, ou super saturadas, tornando assim os registros únicos.

Assim como na (Figura 5), usei um filme 35 mm preto e branco, ao fotografar minha amiga Karina enquanto conversava com seu namorado no telefone. Com a digitalização dessa fotografia, sua característica principal como o contraste e ruído foram levemente perdidos, mas ainda assim é possível notá-los. Já na (Figura 6), em

uma viagem realizada em Porto Alegre, registrei com Canon T3i esse fragmento da paisagem, no modo preto e branco diretamente da câmera e sem nenhuma edição posterior. Regulando a abertura do diafragma, a velocidade do obturador e o iso, consegui obter um bom contraste, deixando em evidencia o coqueiro como primeiro plano, mas ainda assim sem deixar o céu e a construção de lado.

3 DIÁRIOS: CRIANDO APROXIMAÇÕES

Acredito que quando é mencionada a expressão “Diário Pessoal” logo vêm à mente um caderno todo rabiscado, escrito a mão, muitas vezes guardando os segredos mais ocultos e os pensamentos mais íntimos de alguém.

A combinação papel e caneta foi a minha escolha preferida por muitos anos. Mas ao lembrar que boa parte da minha trajetória também foi registrada através da fotografia, seria injusto deixá-la excluída, porque ela, a sua maneira, também compõe uma espécie de diário visual ilustrando então o que antes poderia apenas estar registrado em um conjunto de palavras.

Assim como Martino apresenta:

[...] os artistas, nas duas últimas décadas, vêm reconhecendo cada vez mais uma necessidade de expor a sua própria existência como obra de arte. Assim, a vida adquire um estatuto de arte. A existência e todo o peso da intimidade passam a ser os temas essenciais a serem pensados. (2009, p. 14)

Em seguida estabeleço aproximações com os artistas Andy Warhol, que mantinha o hábito de registrar seu cotidiano com gravações em fita, desde conversas com amigos à ele próprio descrevendo eventos cotidianos e que posteriormente foram publicados em formato de livro com o título de *Diários de Andy Warhol*; Larry Clark, que através de sua lente, expôs de uma maneira explícita ao público o lado controverso e marginal de sua juventude junto a um grupo de amigos em uma cidade no interior dos EUA; e ao final, trago as fotografias de Nan Goldin, que ao registrar sua família e seu estilo de vida, sem se apegar a tabus, fortalece sua eternização da intimidade. Destaco como exceção apenas de Andy Warhol que teve seu diário publicado após a morte, no entanto Larry Clark e Nan Goldin usaram os recursos da fotografia ao traçarem uma narrativa documental quase autobiográfica de seus estilos de vida, se apoiando principalmente na própria intimidade na concepção e desenvolvimento de suas obras.

3.1 As memórias de Andy Warhol

Ao ler um livro, por exemplo, um romance, com o avanço da leitura, quando passo a conhecer melhor o ambiente e os personagens inseridos nele, é quase que inevitável a criação de uma proximidade, um tipo de elo com determinadas situações e com certos participantes da história. Quando dou preferência para a leitura de obras auto ou biográficas, essa proximidade parece tornar-se real, é como se eu realmente conhecesse a pessoa de que o livro é referido. No caso da literatura, os personagens são fictícios, eu sei que as situações que passaram foram apenas fruto da imaginação e criatividade do autor. Tratando-se dos diários, essa aproximação é maior ainda, é como uma ligação direta a quem o diário pertenceu, uma relação muito mais íntima. Quando li pela primeira vez O Diário de Anne Frank, diversos fatores influenciaram para que naquele momento me identificasse com ela. Anos mais tarde, após ingressar no curso de Artes Visuais, tive a oportunidade de entrar em contato com diversas bibliografias relacionadas com a arte. Em uma visita a biblioteca encontrei um livro em especial, os Diários de Andy Warhol (2012). Artista que conhecia até então apenas por suas obras. Foi o momento em que decidi o quão interessante seria me aproximar um pouco mais dele.

O que conhecia até então era que Andy Warhol foi um dos grandes precursores da Pop Art¹². Nascido no ano de 1928, em Pittsburgh, Pensilvânia, ainda jovem tinha cursado Design no *Carnegie Institute of Technology* e por muitos anos trabalhou como ilustrador. No início dos anos 60 ficou conhecido por suas serigrafias de ícones famosos, como a obra Vinte Marilyn's, composta por uma foto manipulada da atriz Marilyn Monroe¹³ originalmente tirada pelo fotógrafo Gene Korman¹⁴.

Andy Warhol foi um artista a frente de seu tempo, além de suas famosas serigrafias, também produziu e dirigiu diversos filmes experimentais, como Kiss e Blow Job, fundou a revista Interview, lançou a banda Velvet Underground e foi autor de livros como Popism: The Warhol Sixties e The Philosophy of Andy Warhol. Em uma pesquisa recente, o artista Cory Arcangel em parceria com Andy Warhol

¹² Movimento artístico que surgiu no Reino Unido e Estados Unidos por volta da década de 50/60. Sua estética principal era o uso de cores vibrantes e a crítica ao consumismo e a cultura popular de massa. Tendo o artista Roy Lichtenstein chamado uma vez de “os traços mais descarados da cultura comercial de massa contemporânea”. (FARTHING, 2011, p. 487)

¹³ Atriz norte-americana, nascida em 01 de junho de 1926, considerada um dos maiores símbolos sexuais do século 20. Em agosto de 1962, aos 36 anos, foi encontrada morta por overdose em seu apartamento. Disponível em: < <http://bit.ly/1gE6F7O> >. Acesso em: 15 MAI. 2014.

¹⁴ Foto originalmente feita para a divulgação do filme *Niagara* (Torrentes de Paixão – no Brasil) em 1953. Disponível em: < <http://bit.ly/TtGKMj> > Acesso em: 15 MAI. 2014.

Museum, Golan Levin e o Clube de Computação da Universidade Carnegie Mellon, descobriram vinte e oito imagens inéditas criadas em computador pelo próprio Andy Warhol em 1985¹⁵.



Figura 7 – Imagem encontrada no disquete – Andy Warhol, Vênus 1985
Fonte: < <http://bit.ly/1rL90th> >. Acesso em: 15 MAI. 2014

A leitura do Diário me proporcionou uma visão diferente da que já tinha sobre ele, muito mais pessoal, muito mais íntima. Conheci um Andy Warhol que acordava todos os dias às 9:00 hs da manhã, adorava suco de cenoura orgânico que era vendido na Brownies, que assistiu três vezes seguida o filme Grease 2, e que odiou o fato de o John Travolta não ter participado do filme; também que entre os anos 1985 a 1987 manteve o programa de TV Andy Warhol's Fifteen Minutes na MTV americana. E apesar de estar totalmente envolvido pela fama e rodeado por celebridades, muitas vezes ao descrevê-los em seu diário era crítico e irônico. Essa oportunidade de saber seu cotidiano, o que fez, o que pensou das pessoas que

¹⁵ Esses arquivos estavam salvos em disquetes em um formato até então inacessível. Disponível em: < <http://bit.ly/1rL90th> >. Acesso em: 15 MAI. 2014.

encontrou e como tudo estava em determinado momento, mesmo muitas vezes descritos por Warhol superficialmente e sem muitas emoções, é fascinante. Porque é diferente de apenas “ficar sabendo” como foi a vida dele, ler o diário é como se eu tivesse participado também, como em uma anotação de 14 de dezembro de 1978, que ele diz: “Uma graça de sujeito veio ao escritório, um amigo de Averil, e ele não notou que caminhou sobre uma pintura que eu tinha acabado de fazer, ainda estava molhada. Foi engraçado” (2012, p. 281).

Warhol não costumava escrever com o tradicional papel e caneta sobre seu cotidiano. Durante anos, ele carregou um gravador de fitas e passou a gravar quase que obsessivamente todas suas conversas, muitas dessas gravações foram publicadas no livro *Popism: The Warhol Sixties*, que ele considerava seu livro de memórias. Ele também tinha o costume de fotografar os frequentadores da Factory com sua câmera Polaroid.



Figura 8 – Polaroides de Andy Warhol, 1971-1983

Fonte: < <http://bit.ly/115fePo> > Acesso em: 19 MAI.2014

É importante destacar que o Diário não foi escrito pelas próprias mãos de Andy Warhol. Alguns meses após o incidente em que ele foi baleado¹⁶ em 1968, Pat Hackett, uma estudante universitária, ofereceu serviços como datilógrafa para Warhol. Nos anos seguintes, ela também viria a contribuir como editora em outros trabalhos com ele. Esse Diário surgiu como uma extensão das anotações que Pat fazia para Warhol na Factory quando ela, após pedir demissão, entrou em um acordo a pedidos dele para que os registros continuassem. A partir de telefonemas diários e gravações em fita, ao longo de onze anos (1976 - 1987), Pat registrou mais de vinte mil (20.000) páginas que, após a morte de Andy Warhol, foram editadas e lançadas como Diários de Andy Warhol pela Warner Books em 1989.

3.2 A Juventude Marginal Retratada por Larry Clark

*I've always been interested in people that you wouldn't see otherwise*¹⁷

Quando eu tinha por volta de quinze anos de idade, época em que ainda residia em Barretos, em uma casa localizada no subúrbio da cidade, relativamente afastado do centro. Nesta mesma rua tinha uma pista de skate frequentada por boa parte dos adolescentes que o praticavam na cidade, inclusive meu irmão. Sou mais velha que ele, porém nós temos apenas um ano e alguns meses de diferença, detalhe que nos proporcionou uma grande ligação. Na época do colégio estudamos na mesma escola, tínhamos os mesmos amigos e praticamente frequentávamos os mesmos lugares. Muitas das vezes que ele saía para andar de skate eu o acompanhava, e foram nesses momentos que passei a me interessar mais não só pelo skate, mas por assuntos que também fossem relacionados a ele.

Foi nesse período que assisti pela primeira vez Kids, com o roteiro de Harmony Korine¹⁸ e a direção de Larry Clark, um filme que estava sendo bastante comentado entre meus amigos. Com uma produção independente, teve sua estreia

¹⁶Após invadir o estúdio de Warhol em 1968, Valerie Solanas, em uma tentativa de homicídio, o feriu com três tiros, porém Andy sobreviveu. Disponível em: <<http://bit.ly/1ojmOUH>>. Acesso em: 18 MAI. 2014.

¹⁷ Eu sempre fui interessado em pessoas que você não veria de outra forma (Tradução minha). Disponível em: <<http://bit.ly/SsITY0>>. Acesso em: 18 MAI. 2014.

¹⁸ Harmony Korine nasceu em Bolinas, Califórnia no dia 4 de Janeiro de 1973. É diretor, produtor, roteirista, e cineasta. Disponível em: <<http://imdb.to/1nsm8hW>>. Acesso em: 18 MAI. 2014.

no ano de 1995. Atuado por adolescentes que não eram atores, contando o dia de um grupo de skatistas nova iorquinos, relatando seu comportamento sexual de risco, o abuso de álcool e drogas, principalmente a maconha, a perda da virgindade e a contaminação pelo vírus HIV. “Um retrato de uma juventude marginalizada” segundo Gibson, ao complementar uma resposta de Larry Clark em uma entrevista cedida a revista Interview em 2011¹⁹.

A história do filme me causou certo desconforto, porque a maioria dos adolescentes do enredo tinham a mesma idade que eu, e eles levavam um estilo de vida um tanto controverso e agressivo, fora a relação de uma das personagens, um rapaz que ao descobrir que estava com Aids, prometeu para si mesmo conseguir transmitir o vírus para o máximo de garotas possíveis, isso me deixou aterrorizada.



Figura 9 – Teenage Lust, 1983

Fonte: <<http://bit.ly/1nFN7Yb>>. Acesso em: 19 MAI. 2014

Antes mesmo de se lançar como diretor de cinema, Larry Clark já tinha uma vasta produção em fotografia.

O diretor de cinema e fotógrafo norte-americano Larry Clark (n. em 1943) produz imagens explícitas de adolescentes e adultos jovens que, como os trabalhos de Goldin e Araki, exerceram intensa influencia na fotografia

¹⁹ Disponível em: <<http://bit.ly/1I5e72h>>. Acesso em: 18 MAI. 2014.

contemporânea. Seus livros – Tulsa (1971), Teenage Lust [Desejo Adolescente] (1983) e The Perfect Childhood [A Infância Perfeita] (1993) – giram em torno de uma autodestrutiva combinação de sexo, drogas e armas nas mãos de jovens descontrolados. (COTTON, 2010, p. 143)

Um ano após, lembro de estar na casa de um amigo, que também era skatista, e ele ao saber do meu interesse por fotografia, mostrou entusiasmado uma revista com uma edição especial de fotografias em preto e branco, e folheando as páginas, acabo por me encontrar novamente com Larry Clark. Eu nunca tinha visto suas fotografias até então, e elas chamaram muito a minha atenção, não só por sua temática (a matéria começava com a fotografia em página dupla de um casal se beijando no banco traseiro de um carro), mas também por sua estética, o conjunto todo, em fotos preto e branco, bem granuladas, tinham como resultado uma composição incrível ao meu olhar.

Esse contato, que considero crucial, marcou de tal forma que fiquei completamente fascinada e interessada por passar a registrar em preto e branco, nesse mesmo ano foi quando ganhei minha Canon Rebel X de meu pai, e pra minha felicidade, ele tinha ainda conseguido mais dois rolos de filme preto e branco. Não demorou muito e de imediato coloquei o filme na câmera e saí para fotografar.

Charlotte Cotton, em seu livro *A Fotografia como Arte Contemporânea*, especificamente no capítulo 5, ao dialogar sobre a fotografia da vida íntima afirma que:

Enquadramentos desequilibrados, borrões, iluminação desigual, a coloração berrante do instantâneo ampliado a máquina – todos esses elementos são usados. Mas, na fotografia íntima, essas deficiências técnicas das fotos domésticas, não artísticas, são empregadas como uma linguagem por meio da qual as experiências íntimas são comunicadas ao observador. O uso da fotografia, aparentemente inábil é um recurso intencional que assinala a intimidade do fotógrafo e seu tema. (2010, p. 137)

Conforme meu entendimento, nos trabalhos do artista raramente é encontrado algum defeito técnico. Ainda criança, já trabalhava como assistente de sua mãe, que era fotógrafa de crianças e bebês, e após completar 18 anos, também ingressou na faculdade para cursar Fotografia no Layton School of Art em Milwaukee (Wisconsin – EUA).



Figura 10 – Tulsa (a), 1971

Fonte: <<http://bit.ly/1kTKJwb>>. Acesso em: 15 MAI. 2014

Sua relação com a fotografia íntima se dá a maneira em que compõe uma espécie de diário visual. Ele não apenas fotografa, mas também é participante ativo da história que registra. Como ele mesmo diz²⁰, durante os anos em que trabalhou com sua mãe, não teve a liberdade necessária para fotografar a sua maneira. Durante a faculdade, que cursou em outra cidade, Clark se afastou do estilo de vida que levava em Tulsa, mas após seu regresso, anos mais tarde, voltou a morar com seus amigos e passou a registrá-los, com bastante liberdade e a maneira como queria desde quando ainda trabalhava com sua mãe. Em suas próprias palavras: “Eu sou um contador de histórias. Nunca estive interessado em apenas ter uma única imagem e seguir em frente. Gosto de ficar com as pessoas que fotografo por longos períodos de tempo”²¹.

²⁰ Em entrevista feita por Ralph Gibson para a revista Interview. Disponível em: <<http://bit.ly/1nOnOpo>>. Acesso em: 18 MAI. 2014.

²¹ Texto original: I’m a storyteller. I’ve never been interested in just taking the single image and moving on. I always like to stay with the people I’m photographing for long periods of time. Disponível em: <<http://bit.ly/SsITY0>>. Acesso em: 18 MAI. 2014.

Ao conhecer toda sua trajetória, assim como ele também apresenta em um pequeno ensaio feito para a revista *Camera 35* em 1971²², alguns meses antes do lançamento de seu álbum *Tulsa*, descreve, de uma maneira simples, seu envolvimento com as drogas e comportamentos de risco, e que após os anos em que passou servindo na guerra do Vietnã o incentivou a mostrar o que seria uma espécie de outro lado do estilo de vida americano, com sua realidade crua e marginal. Sua fotografia de uma maneira geral, apresenta jovens e adolescentes levando um estilo de vida regados a drogas e violência, assim como também é apresentada em seus filmes.



Figura 11 – Tulsa (b), 1971

Fonte: <<http://bit.ly/1tHJWyW>>. Acesso em: 15 MAI. 2014

Seus registros são resultados de uma observação íntima, de total envolvimento com o ambiente e as pessoas retratadas. Mesmo nas fotos em que há alguém encarando a câmera, percebe-se que a mesma é vista como algo natural. Assim, ele traz ao público e expõe uma realidade muitas vezes ocultada, escondida, seja por ir contra aos padrões morais da sociedade ou por simplesmente não se encaixarem a mesma. Ele amplia a fotografia para além da documental e abre as portas de seu mundo, deixando-as explicitamente abertas.

²² Disponível em: <<http://bit.ly/1a2s9hZ>> Acesso em: 17 MAI. 2014.

Seu trabalho marcou e influenciou significativamente meu percurso com a fotografia. Através dele consegui idealizar que para uma boa foto não é necessário obrigatoriamente grandes recursos ou modelos bonitos, que a minha realidade fielmente registrada já é um grande passo para compor uma história através do meu olhar.

3.3 A Intimidade Eternizada por Nan Goldin

*Para mim, tirar fotografias é uma forma de tocar alguém, uma forma de ternura*²³

Ao discutir sobre a fotografia íntima, é inevitável não abordar as fotografias de Nan Goldin. Meu primeiro contato com seu trabalho foi na divulgação dos artistas selecionados para a 29ª Bienal de São Paulo em 2010. Suas fotografias chamaram minha atenção porque de imediato, fiz uma ligação direta as do Larry Clark por terem uma temática em comum – pessoas usando drogas, nudez, relações sexuais explícitas. Porém, uma notável diferença entre Goldin e Clark, é que seus registros se assemelham a aqueles que compõem uma espécie de álbum de família, é notável a ligação e envolvimento emocional com as pessoas retratadas; Não que Clark também não o tivesse porque afinal, as principais pessoas retratadas em seus trabalhos foram seus próprios amigos, mas com Goldin, esses sentimentos são mais explícitos, em minha concepção visual, Larry Clark está para o frio assim como Nan Goldin está para o quente.

Segundo Woodgate²⁴, Nan Goldin nasceu em uma típica família judia no subúrbio de Washington DC em 1953. Alguns anos após ao se mudarem para Boston, aos dezoito (18) anos, a irmã de Goldin, Barbara, cometeu suicídio, evento que abalou não somente toda a família, mas como a própria Goldin e que futuramente viria a ser a principal motivação para seu trabalho fotográfico. Onde ela, através da fotografia, buscava de maneira mais fiel possível, registrar sua vida e as pessoas que amava, para que de alguma maneira, nunca as esquecesse da maneira como são.

Ainda aos dezesseis (16) anos, ganhou sua primeira câmera fotográfica, passando a retratar o seu ambiente familiar desde então. Após se mudar para Nova

²³ GROSENICK, 2003, p.64.

²⁴ Disponível em: < <http://bit.ly/1kxhWNy>>. Acesso em: 21 MAI. 2014.

York, em 1978, entrou em contato com a vida boêmia e noturna, passou a trabalhar fotografando concursos de beleza de drag queens em um bar da cidade. Sua nova vida também veio acompanhada de novos amigos, os quais passou a considerar sua família e que passaram a ser retratados constantemente por Goldin.

Assim como já apresentado anteriormente, as características denominadas “deficiências técnicas”, conforme Cotton fazendo referência a fotografia íntima, como borrões e iluminação desigual (2010, p. 137) estão constantemente presentes nos registros de Nan Goldin, e marcam como característica principal de suas fotografias. Principalmente nas ambientações que estão inseridas, geralmente em luz natural (interiores de casa, apartamentos, motéis, bares), as pessoas retratadas, aparentemente também não se intimidam com a presença constante da câmera, tornando os registros muito mais naturais e espontâneos.



Figura 12 – Kiki e Maggie no 180, 1985
Fonte: <<http://bit.ly/1hEypjO>>. Acesso em: 20 MAI.2014

Em seu primeiro livro, intitulado *The Ballad of Sexual Dependency* (1986), situações privadas e cotidianas se tornam públicas. Pessoas dormindo, casais tendo relações sexuais, crianças brincando, drag queens se maquiando, quartos de hotéis vazios, juntos e entre outras situações, embalam o primeiro *Diário Visual* de Nan publicado. Melancólico, sexualmente explícito e fiel, qual, em seu prefácio, logo no

primeiro parágrafo, ela deixa claro que “é o diário que deixo as pessoas verem”.²⁵



Figura 13 – Nan e Brian na cama, 1983

Fonte: < <http://bit.ly/1pRQ0EC>>. Acesso em: 20 MAI.2014

Cotton, ao dialogar sobre a fotografia íntima ainda nos traz que:

A profissional de influência mais óbvia e direta na fotografia da vida íntima é a norte americana Nan Goldin (n. em 1953). Sua investigação, iniciada há 33 anos e ainda ativa, dos momentos de sua “família”, de amigos e amantes não só faz a crônica das narrativas de seu círculo pessoal como também estabelece de diversas maneiras o padrão por meio do qual a fotografia íntima e seus criadores são julgados. (2010, p. 138,)

Ela, ao descrever sua intensa relação ao ato de fotografar diz que “A câmera é como uma grande parte da minha vida cotidiana, como falar ou comer ou sexo. O instante de fotografar, em vez de criar a distância, é um momento de clareza e conexão emocional para mim²⁶”.

²⁵ Texto original: The Ballad of Sexual Dependency is the diary I let people read”. Disponível em: < <http://bit.ly/1p6WVdo>>. Acesso em: 20 MAI. 2014.

²⁶ Texto Original: “The camera is as much a part of my everyday life as talking or eating or sex. The instant of photographing, instead of creating distance, is a moment of clarity and emotional connection for me.” Disponível em: < <http://bit.ly/1p6WVdo>>. Acesso em: 20 MAI. 2014.



Figura 14 – The Ballad of Sexual Dependency, 1983
Fonte: < <http://bit.ly/1iXTbGe>>. Acesso em: 20 MAI.2014

O que mais me atrai nas fotografias de Goldin é o poder sentimental que ela detém, suas fotografias (principalmente as do Ballad) me trazem uma espécie de nostalgia-melancolia, alguns registros lembram os da minha mãe na sua juventude. Quando passei a fotografar festas noturnas, não queria pessoas fazendo poses ou se preparando para serem fotografadas por mim. Então, me esforçava ao máximo para não chamar atenção com a câmera e passar por despercebida (mesmo abusando do uso do flash), e os resultados eram satisfatórios, em sua maioria. Consegui obter o registro de cenas espontâneas, naturais.

Esse sentimento também compartilhei com minhas fotografias que passei a tirar desde então. O poder que Nan detém ao passar essa naturalidade de algo que antes seria apenas privado, a maneira como expõe a sua própria intimidade assim como a dos outros, que transpassa essa barreira de “quatro paredes” me dá a entender que não é necessário se prender a determinados tabus, ou que não preciso ter vergonha da minha própria intimidade, da minha própria realidade.

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA: REVELANDO PÁGINAS E NEGATIVOS

Refletindo sobre a materialização do diário pessoal e do meu envolvimento com a fotografia recorro novamente ao meu problema de pesquisa: “Como materializar o diário pessoal como proposta artística buscando estabelecer a relação registro-intimidade estando inserida no contexto da arte contemporânea?”

Para entender meu contexto advindo da experiência seja pelos diários, nas fotografias, pela arte como diz Canton (2009, p.13):

A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de “pré-conceitos”, mas repleto de atenção. Mas, ao mesmo tempo em que se nutre da subjetividade, há outra importante parcela da compreensão da arte que é constituída de conhecimento objetivo envolvendo a história da arte e da vida.

Assim, meu percurso foi sendo construído trazendo minha história de vida, seja pelos diários de hoje, ou mesmo pelas lembranças dos diários do passado. Ou até mesmo com as lembranças da infância do primeiro contato com a fotografia. E também ao estabelecer diálogos com os artistas (Andy Warhol, Larry Clark e Nan Goldin), me motivou possibilitando compreender melhor questões referentes ao registro-intimidade para a criação e elaboração da minha proposta artística final.

Trago a seguir como tudo aconteceu.

4.1 Retorno às Origens na Construção do Diário de Artista

Recentemente em contato com as caixas que guardo as câmeras e equipamentos fotográficos no meu armário, e que precisei recorrer a internet para conferir os nomes e modelos que descrevi ainda no primeiro capítulo (p.18). Foi grande meu entusiasmo ao me deparar com diversos rolos de filme ainda não revelados.

Surgiu então a curiosidade, o que eles poderiam revelar sobre minha história ou de quem me é tão querido? No decorrer dos meses fui levando-os a um estúdio

fotográfico aqui da cidade e os revelando. Lembro que foram poucos os filmes que mandei revelar na época em que comecei a fotografar, não sei dizer exatamente quantos rolos desse período vieram parar naquela caixa, mas entre alguns datados de 2009 a 2010 e alguns queimados, achei um de uma viagem onde eu, minha mãe e meu irmão fomos para Goiânia (GO) passar o natal na casa dos meus tios, eu deveria ter uns oito anos, estava trocando de dentes e em muitas fotos estou feliz e com um enorme sorriso banguela. Senti saudades dessas férias, todos os finais de ano costumávamos passar lá.

Nesse processo, acabei me dando conta que há algum tempo também havia deixado minhas câmeras analógicas de lado: “Como seria bom resgatar esse equipamento”, pensei comigo mesma. Mas a grande dúvida foi por qual delas eu escolheria voltar a registrar. A Pentax e a Canon apresentaram alguns problemas na última vez em que as usei, e então, por uma questão de tamanho e peso, escolhi a Kodak, mas também por ter sido a minha primeira câmera, e essa realmente, fazia muito tempo que não usava.



Figura 15 – Retorno às origens, 2014
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Comprei um filme (Kodak Color Plus, 36 poses, ISO 200) de início, para testar a câmera e saber se ainda estava funcionando corretamente. Durante mais ou menos uma semana a mantive comigo e assim que o filme terminou, levei no estúdio e mandei revelar. A qualidade da revelação não saiu boa, porém a câmera estava funcionando por completa. Comprei mais dois filmes, um da mesma marca que antes e outro apenas mudando para o ISO 400.

Quando ainda refletia as ideias sobre a construção do trabalho final, passei a registrar com a minha câmera digital meus momentos cotidianos de uma maneira livre, motivada pelos trabalhos de Larry Clark e Nan Goldin. Pensava de início, elaborar um álbum junto a trechos do meu diário recente. Ao reviver minha experiência com a câmera analógica, decidi que seria interessante trazer as fotografias tiradas para compor junto as que já vinha fotografando, então, tive que repensar toda a proposta, pois como no início pensei em trabalhar apenas com a fotografia digital. Nesse percurso, de criação e concepção da obra, estar sujeito a alterações é inevitável e fazem parte do processo criativo, assim, me remeto a Salles ao afirmar que:

[...] o ato criador, como processo, está inserido no espectro da continuidade; desse modo, a obra desenvolve-se ao mesmo tempo em que é executada. Tratando-se de um processo contínuo, a possibilidade de variação é permanente; assim, precisão absoluta é impossível. A obra está em estado de permanente mutação, refazendo-se ou talvez fazendo-se, já que cada versão é uma possível obra. É a criação sempre em processo. (2009, p. 135)

Com os filmes guardados e ainda não revelados, registros fotográficos mais recentes realizados com a Kodak (analógica) e a Canon T3I (digital) e entre rabiscos, rasuras e palavras, através de uma narrativa que segundo Canton: “No lugar de começo-meio-fim tradicional, elas se compõem a partir de tempos fragmentados, sobreposições, repetições, deslocamentos” (2009, p. 15) componho meu diário público.



Figura 16 - Filmes Revelados, 2014
 Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Dando sequência a minha ideia de construir uma proposta “diário público”, sinto a necessidade de entendê-lo primeiro por encontrar denominações diversas como: Livro de Artista, Livro-Objeto, Caderno de Artista, entre outras, optei por Diário de Artista (por estar mais relacionado a minha pesquisa).

Conforme Silveira, esse diário-caderno-livro “é entendido como um campo de atuação artística (uma categoria) e, simultaneamente, como produto desse campo, um resultado específico das artes visuais” (2008, p. 21). Escolhi utilizar um modelo tradicional em referência ao meu diário atual (caderno espiralado, 70 páginas, 25 x 18 cm), e a página, ao compreendê-la como matéria expressiva (SILVEIRA, 2008, p. 23), adiciono, por meio de recortes e colagens, as fotos selecionadas no processo anterior, e ao interferí-las, trago trechos dos meus diários em meio desenhos e rasuras feitos com caneta nanquim.

Assim, o diário de artista *Noites de Sexta*, faz alusão aos meus dias da semana e horários preferidos para escrever, nele contemplo além de fotografias do passado (porque o hoje também já passou), ideias, memórias e sonhos, de uma maneira não linear, expondo igualmente fragmentos-trechos-registros da minha intimidade, do meu particular.

4.2 Revelando Páginas

No decorrer da pesquisa, aqui revelo alguns fatos que vão sendo amarrados na construção da proposta como nesse caso, depois de entrar em contato com minha mãe ela acabou encontrando alguns cadernos velhos mantidos em uma caixa em cima do guarda-roupa de seu quarto. Após uma conversa por telefone, ela, ao descrever a aparência e capa dos mesmos, acreditei que poderiam ser meus diários perdidos. Solicitei a ela que me enviasse pelo correio, já que ir a Barretos na circunstância atual seria inviável. Alguns dias se passaram e finalmente os recebi. Os diários em formato de caderno espiral foram escritos por volta de 2007 a 2008, período da minha adolescência.

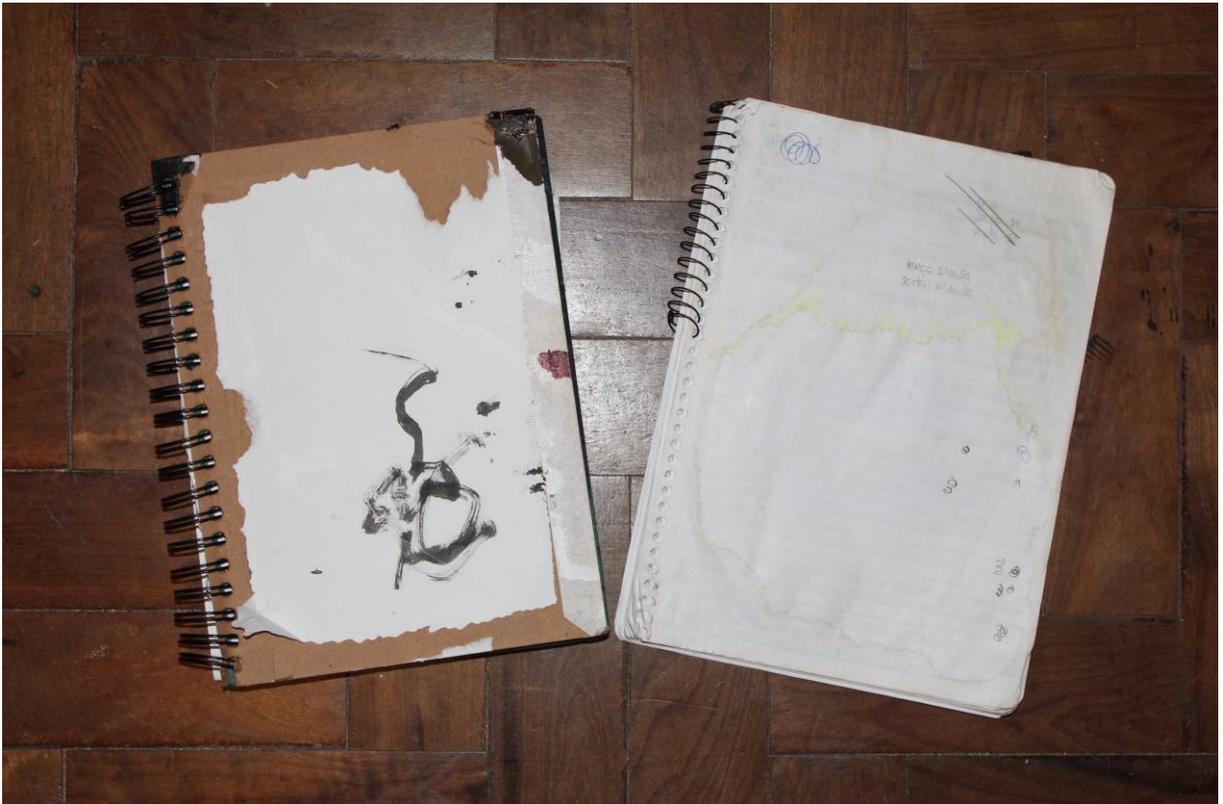


Figura 17 - Diários, 2014

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Remeto novamente ao meu problema de pesquisa: “Como materializar o diário pessoal como proposta artística buscando estabelecer a relação registro-intimidade estando inserida no contexto da arte contemporânea?”. Trago ao conhecimento público, momentos dos dois diários ao incorporar trechos do recém encontrado e o novo, não somente na composição de *Noites de Sexta*, como dito

anteriormente, mas também ao elaborar um material auditivo, narrando os trechos selecionados com minha própria voz, tornando-o um aditivo essencial a composição da Instalação.

4.3 Sobre *Canto Particular*

E quando opto por abordar a linguagem da fotografia, da escrita e do áudio, ao pensar a obra como um todo, acomodo-as em uma instalação. Lamas ao definir instalação, afirma que: “enquanto linguagem artística é [...] uma construção de lugares, em que o espaço de exposição se encontra integrado a obra, e a obra depende dele” (2007, p. 92). E o tratar sobre minha intimidade, proponho um cenário referente ao local em que costumo ficar para ler e escrever em meu diário.



Figura 18 – Detalhe: Canto do meu quarto com as almofadas, tapete e o Diário atual, 2014
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Para esta proposta artística (Figura 20 e 21), referente ao “Canto Particular” no espaço expositivo, reproduzo uma espécie de “canto”, em referência ao canto do meu quarto. Para trazer a atmosfera do quarto escolhi uma madeira de aglomerado medindo (110 x 170 cm), com uma pintura interna na cor branca e na externa na cor

preta. Dentro desse limite vou dispor um tapete medindo 90 x 130 cm, na cor preta, que costumo usar na sala do apartamento onde moro atualmente. Sobre esse tapete vou colocar três (3) almofadas de tecido de algodão estampado medindo 42 x 54. Ainda criando o cenário (o canto) nas proximidades das almofadas vou dispor um reproduutor de áudio (mp3), pequeno, na cor preta, com fones de ouvido na mesma cor, com duração de 10 minutos aproximadamente. Ao lado do reproduutor de áudio, terá um compartimento (uma espécie de bolsa) de 30 x 24 cm de tecido jeans preto e algodão estampado, costurada por mim mesma. Dentro dessa bolsa estará o diário de artista *Noites de Sexta* medindo 25 x 18 cm, capa dura, espiral, (70 páginas).

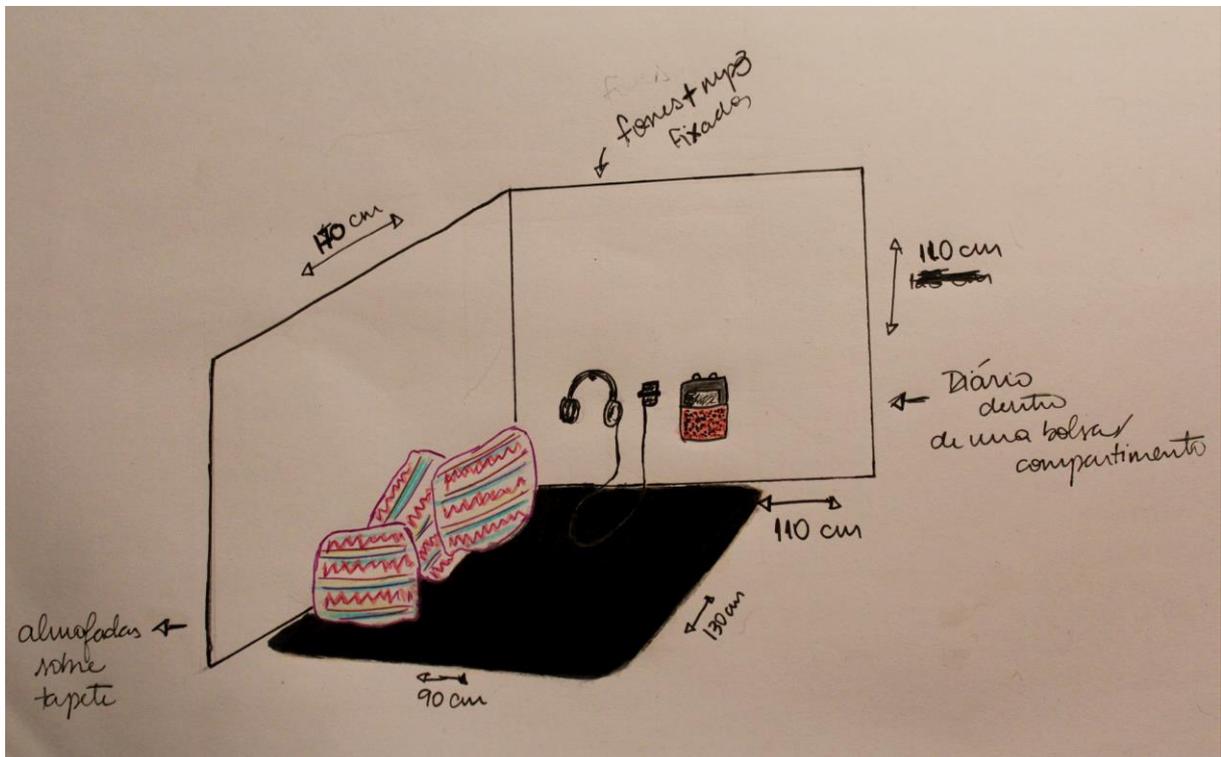


Figura 19 – Croqui, 2014
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Em sua totalidade, a intitulo de *Canto Particular*. Como busco com a produção artística aproximar o expectador-participante de maneira singular ao canto do meu quarto, o reproduzindo em um espaço fora do ambiente original, proporcionando um “cenário” similar, integrado ao espaço da galeria qual o expectador se sinta convidado a sentar e participar, com a leitura e fruição de *Noites de Sexta*, me torno também uma propositora (O'DOHERTY, 2002, p. 94), e ao reconhecer a necessidade de um expectador-participante Salles nos traz que:

O artista não cumpre sozinho o ato da criação. O próprio processo carrega esse futuro diálogo entre o artista e o receptor. [...] Essa relação comunicativa é intrínseca ao ato criativo. Está inserido em todo processo criativo o desejo de ser lido, escutado, visto ou assistido. (2009, p. 51)

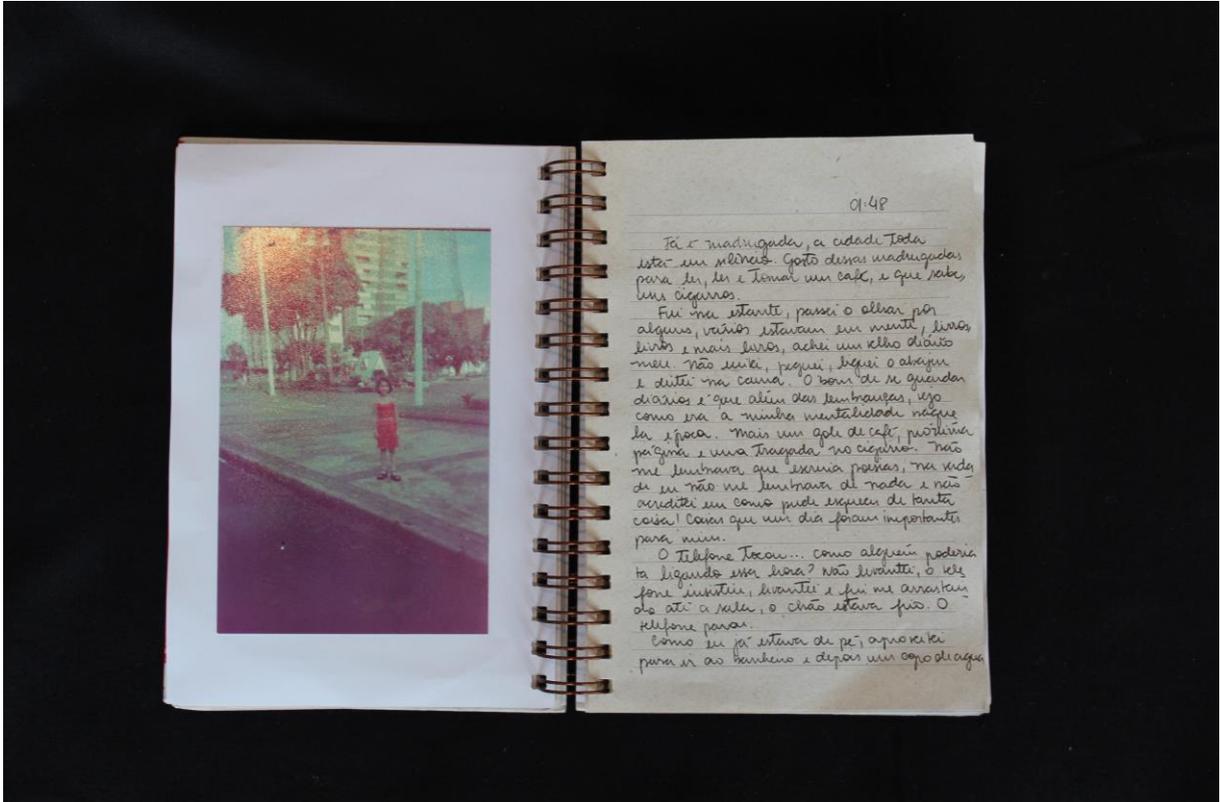


Figura 20 – Noites de Sexta, 2014
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

E ao referir sobre o diálogo da obra com espaço expositivo, “a obra atua no espaço, se manifesta através de objetos que possuem extensão. E com o espaço, quando formaliza, ou colocam em debate a própria experiência com a dimensão espacial” (CARVALHO, 2005, p. 134).



Figura 21 – Canto Particular (Detalhe), 2014
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora



Figura 22 – Canto Particular no espaço expositivo, 2014
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Assim, *Canto Particular* foi desenvolvida para constar na exposição coletiva da turma da 8ª Fase do Curso de Artes Visuais Bacharelado, realizada na Galeria de Arte Octávia Búrigo Gaidzinski (Anexa ao Teatro Municipal Elias Angeloni), dentre os dias 24 de Junho a 04 de Julho de 2014, como requisito para defesa do TCC.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde minhas primeiras produções, de alguma maneira, fosse nas aulas de artes, ou nas produções textuais ainda no período de colégio e até mesmo em trabalhos acadêmicos no percurso da faculdade, é inevitável que eu não coloque um pouco (ou muito) sobre mim. Acredito que isso não seja exclusividade minha.

Quando surgiu a proposta para o TCC e finalmente estabeleci um tema, traçar o caminho que percorresse a minha trajetória, trazendo artistas que de alguma maneira também influenciaram significativamente meu trabalho, não só o fotográfico mas pessoal também, me proporcionou um maior aprofundamento teórico – estético - poético sobre os mesmos.

Sendo assim, ao propor como tema o diário enquanto registro da intimidade do artista, portanto conforme meu entendimento de natureza íntima e pessoal, trouxe como problema de pesquisa: Como materializar o diário pessoal como proposta artística buscando estabelecer a relação registro-intimidade estando inserida no contexto da arte contemporânea? Com o objetivo geral o de estudar o uso do diário pessoal e o visual como forma de registro do artista, e nos objetivos específicos: apresentar minha trajetória referente ao ato de fotografar e a escrita do diário; oportunizar trazer para os diálogos o Diário Pessoal de Andy Warhol, e os Diários Visuais de Larry Clark e Nan Goldin.

O diário desde o início do semestre voltou a ser um companheiro ativo, assim como o hábito de autorretratar também veio com maior frequência. No decorrer da pesquisa, para ser exata em dez de junho 2014 participei da Exposição Coletiva “SOMOS”, da turma de 6ª Fase de Artes Visuais – Bacharelado (Convite e fotografia exposta nos anexos), realizada no Espaço do Olhar, no Campus Unesc. Para a exposição trouxe um autorretrato (nu artístico em preto e branco, com meu gato Boris), intitulado *Venus in Furs*²⁷, que também é título de uma música apresentada pela banda *Velvet Underground*.

Ao experimentar um retorno ao meu equipamento fotográfico analógico, em especial a câmera Kodak, acabei por me desprender um pouco de certos padrões estéticos da “boa foto”. Como o enquadramento perfeito, o cuidado extremo com a

²⁷ Vênus em Peles (ou Pelos – no caso de estar nua apenas segurando o meu gato). Tradução minha.

luz, o motivo a ser fotografado e coisas afins. Consegui reviver a aquela experiência quase amadora e descompromissada da infância, onde minha motivação maior foi o de registrar o momento, como registro de memória, registro emocional, mesmo que a determinada situação não proporcionasse grandes emoções.

Assim, ao finalizar minha pesquisa com foco em minha trajetória, ao longo do percurso estabeleci diálogos com artistas que através do diário ou da fotografia revelaram sua intimidade de maneira pública, quebrando tabus, mostrando uma maneira de viver incomum aos padrões morais definidos pela sociedade e acima de tudo, registrando suas vidas, por meio da escrita ou visualmente. Sendo assim ao contemplar diversas linguagens na instalação *Canto Particular*, contemplo o problema proposto. Com um resultado satisfatório, proporciono um espaço em que o público sinta-se convidado a participar, usufruindo não só na instalação, mas como os outros objetos ali expostos, como o Diário de Artista e a gravação em áudio.

Tive dificuldades em relação a um material bibliográfico que abordasse essencialmente sobre a intimidade do artista. Considero que a presente pesquisa venha a contribuir para futuros estudos a temática proposta. Expandindo assim, os estudos sobre esse tema.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, c1980.

CANTON, Katia. **Corpo identidade e erotismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a.

CANTON, Katia. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009b.

CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009c.

CARVALHO, Ana Maria Albani de. **Instalação como problemática artística contemporânea: os modos de espacialização e a especificidade do sítio**. 2005. 356f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife, Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 15. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte: Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos**. São Paulo: Sextante, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

FRANK, Otto H.; PRESSLER, Mirjam. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Record, 2013

GROSENICK, Uta. **Mulheres artistas nos séculos XX e XXI**. Colônia: Taschen, 2003.

MARTINO, Marlen Batista de. **Confissões na arte contemporânea: O corpo como diário**. 2009. 42 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAMAS, Nadja de Carvalho (Org.). **Arte Contemporânea em questão**. Joinville: UNIVILLE, 2007.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco**: a ideologia do espaço da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs.). **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 123-40.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: Annablume, 2009.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada**: da ternura a injúria na construção do livro do artista. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.

Warhol, Andy. **Diários de Andy Warhol**: Vol. 1 e 2. Porto Alegre: L&PM, 2012.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Autores Associados, 2001.

Andy Warhol:

_____. Disponível em: < <http://bit.ly/1rL90th> >. Acesso em: 15 MAI. 2014.

Larry Clark:

_____. Disponível em: < <http://bit.ly/1nOnOpo> >. Acesso em: 18 MAI. 2014.

_____. Disponível em: < <http://bit.ly/1a2s9hZ> > Acesso em: 17 MAI. 2014.

_____. Disponível em: < <http://bit.ly/SsITY0>>. Acesso em: 18 MAI. 2014.

_____. Disponível em: < <http://bit.ly/1I5e72h>>. Acesso em: 18 MAI. 2014.

Nan Goldin:

_____. Disponível em: < <http://bit.ly/1p6WVdo>>. Acesso em: 20 MAI. 2014.

Woodgate, Katy. **Nan Goldin: Subjects of influences and influenced.**
Disponível em: < <http://bit.ly/1kxhWNy>>. Acesso em: 21 MAI. 2014.

ANEXO(S)

O Espaço do Olhar Unesc convida para a Exposição Coletiva SOMOS

LOCAL:
ESPAÇO DO OLHAR - UNESC
(EM FRENTE À BIBLIOTECA)

Abertura às 19h30

10 A 30
DE JUNHO
DE 2014

PATROCINADORES:

REALIZAÇÃO:

PROFESSORA:
AMALHENE BAESSO REDDIG

DISCIPLINA:
ARTE E AGENCIAMENTO CULTURAL

ACADÊMICOS DA 6ª FASE
ARTES VISUAIS - BACHARELADO

BRUNA DA SILVA RIBEIRO
CRISTIANA VICENTE GOULART
DIEGO RABELO ALVES
FELIPE PEZENTE GOMES
FERNANDO DOS SANTOS DE SOUZA
HADDA BIAGGIONE
IASMINI GERALDO DE MELO
JESSE REZENDE FERREIRA
JÉSSICA BORGES LEANDRO
JÉSSICA CARDOSO FERNANDES
JOÃO BATISTA
MAIRA PEDROSO
MALU DAL PONT COLOMBO
MATHEUS ABEL LIMA DE BITENCOURT
NATHALIA BARROS SILVESTRE
RAFAEL BORGES TEODORO
RENATA PIOVESANN
SELMA SERAFIM
TÂNIA DA LUZ ALVES
VIRIDIANO SOARES BARRIOS

Figura 23 – Convite da Exposição SOMOS (frente e verso), 2014
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora



Figura 24 - Venus in Furs (Fotografia apresentada na exposição SOMOS), 2014
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora